Anno de 1844. Quinta Feira 22 de Fevereiro Anno XX. N. 43.

O Diario publica-se todos os dias que não forem sanctificados: o preço da assignatura he de tres mil rs. por quartel pagos adiantados. Os annuncios dos assignantes são inseridos gratis, e os dos que não forem á razão de 80 reis por linha. As reclamações devem ser dirigidas á esta Typ., rua das Cruzes n. 34, ou á praça da Independencia loja de livros n. 6 e 8

PARTIDA DOS CORREIOS TERRESTRES.

Goianna, e Parahyba segundas e sextas feiras. — Rio Grande do Norte, quintas feiras — Cabo, Serinhaem Rio Formoso, Porto Calvo, Maceyó, e Alagoas: no 1.°, 11 e 21 de cada mez — Garanhuns e Bonito a 10 e 24 de cada mez — Boa-vista e Flores a 13 e 28 dito. — Cidade da Victoria, quintas feiras. — Olinda todos os dias.

DIAS DA SEMANA.

19 Seg. s. Conrado Aud. do J. de D. da 2. v.
20 Terça s. Eleutherio Rel. aud. do de D da 3. v.
21 Quarta cinza s. Maximiano Aud do J. de D. da 3. v.
22 Quinta s. Margarida. Aud. do J. de D. da 2. v.
23 Sexta s. Lazaro. Aud do J. de D. da 2. v.
24 Sab. s. Pretextato. Rel. aud. do J. de D. da 1. v.
25 Dom. 1.° da quaresma s. Mathias

Tudo agora depende de nós mesmos; da nossa prudencia, moderação e energia: continuemos como principiámos, e seremos apontados com admiração entre as nações mais cultas. (Proclamação da Assembléa Geral do Brazil.)

CAMBIOS NO DIA 21 DE FEVEREIRO.

Cambios sobre Londres 25 ¼.	Ouro-Moeda de 6,400 V. 17,700
» » Paris 370 reis por franco	» » » N. 17,500
» » Lisboa 108 por 100 de premio	» » de 4,000 9,600
	Prata--Patacões 1,980
Moeda de cobre 5 por cento.	» Pesos columnnares 2,020
Idem de letras de boas firmas 1 por ½	» Ditos mexicanos 1,980

Nominal.

PHASES DA LUA NO MEZ DE FEVEREIRO.

Lua cheia a 4 as 8 horas e 51 min. da m. | Lua nova a 18 as 6 horas e 24 min. da m.
Minguante a 11 as 5 horas e 30 min da m. | Crescente a 26 as 7 h. e 30 m. da manhãa

Preamar de hoje.

Primeira as 7 horas e 42 min da manhãa. | Segunda as 8 horas e 6 minutos da tarde

DIARIO DE PERNAMBUCO.

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

Do periodico *Brasil*, de 4 do passado, transcrevemos o seguinte artigo, que muito interessante nos pareceo, por, com toda a precisão, demonstrar a verdadeira origem do actual engrandecimento da Inglaterra, e qual o peso, que merecem os sentimentos de philantropia, de que tanto ella se ufana.

O BRASIL E A INGLATERRA.

Ligão-se e encadeião-se os factos na historia da humanidade por modo tão portentoso, que querendo-se determinar um acontecimento contemporaneo, explicar um estado de cousas, força é remontar á tempos remotos, e expôr-se assim ao risco de aborrecer a esses leitores, que fogem diante de um estirado artigo de mais de duas columnas. Subjeitemo-nos á esse inconveniente, pois do contrario como fazer entender a preponderancia quasi exclusiva da Inglaterra, a especie de tutella por ella exercida sobre as nações da America, e a nenhuma influencia, o nenhum predominio, que nelles exercem os outros estados europeos, que nas questões da Europa e d'Asia, e até da Africa a contrastaõ e equilibraõ? O assumpto é de bastante gravidade para que não receiemos que o leitor impaciente nos deixe de lêr, e o frivolo nos despreze.

A dynastia dos Bourbons depois de ter baldado as intrigas, e manejos dos Philippes e de haver-se consolidado no throno da França, dirigio todos os esforços de sua habil politica para o enfraquecimento da casa d'Austria que, senhora da Flandres, a ameaçava pelo norte, sentada no throno da Hespanha, a ameaçava pelo sul. Esse duplicado perigo, que cumpria evitar, é o segredo de todo o reinado de Luiz XIV. Na execução dos seus planos, foi esse grande rei adiante do que era necessario, e um dos Bourbons foi reinar em Madrid, e o Luiz, no cumulo de seus votos, pôde exclamar—não ha mais Pyrineus.

Porém com esse tamanho accrescimo, a dynastia dos Bourbons rompia todo o equilibrio das nações europeas; o pacto de familia armou a Europa inteira, e, eterna adversaria da França, a Inglaterra, em quanto sua rival extendia seu poder e sua influencia na Hespanha, tratou de ir contrastal-a, estendendo o seu poder e sua influencia na foz do Tejo, no reino visinho, elle já rival e inimigo da Hespanha.

A Inglaterra, ilha atirada á um canto da Europa, tão fraca em sua organisação interna, que sempre foi facil conquista dos invasores, desde os Romanos, até os Saxonios, até os Anglos, aie, depois destes, o bastardo da Normandia; taõ arida e coberta de charnecas, que mal podia alimentar exigua população, sentio desde logo, que lhe cumpria approveitar sua posição para arredar de si as guerras que ensanguentáraõ a Europa, e, longe do foco dos interesses europeos, o pôde ella conseguir: sentio mais que para deffender-se de invasões, e ao mesmo tempo ganhar a preponderancia que não tinha no continente, era no mar, era pela navegação, que lhe cumpria dominar: todos os esforços de seus estadistas já desde Cromwel, já desde Elisabeth, já mesmo, em épocas muito anteriores, desde Alfredo para ahi convergiraõ: sentio emfim que a má divisão da propriedade territorial, filha das successivas conquistas, obrigando a maxima parte de sua população á renunciar aos trabalhos do campo, a compellião á buscar na industria a satisfação de suas necessidades, e com perseverança o conseguio.

É brilhante de certo, é admiravel esse espectaculo! a humanidade inteira se ensoberbece, ao vêr como com taõ fracos meios, taõ destituidos de auxilio, poderaõ alguns homens só pela perseverante intelligencia chegar á tamanhos resultados, tranformar em magestosas cidades, em ferteis campos essas aridas charnecas!... mas, como se nada de magestoso e de magnifico se podesse obter sem a intervenção de meios indignos, não poucas vezes a indignação, o odio abafaõ o sentimento de admiração em que recorda a historia da grandesa britannica.

Na epoca a que nos referimos, a Hespanha toda occupada com as intrigas continentaes, havia perdido a sua preponderancia no mar; senhora de tantas colonias, tinha já então uma marinha inferior á da Inglaterra; Portugal, depois da loucura de D. Sebastião e da dominação dos Philippes, já nem era a sombra do que outr'ora fôra: facilmente conseguio a Inglaterra monopolisar o seu commercio, e assim alimentar a sua marinha. Nas lutas contra a Hespanha, e na paz que lhe succedia, havia ella alcançado, pelo *assiento*, duas estipulações, que entregavaõ á sua mercê as colonias hespanholas: havia obtido o exclusivo monopolio de fornecer escravos africanos ás colonias hespanholas; havia mais alcançado o direito de mandar um navio de consideravel tonelagem, carregado de fazendas de sua producção, á essas colonias. Extendendo e ampliando com a fé púnica, que ainda não desapprendeo, essa concessão, a Inglaterra estabeleceo fixo no pôrto da colonia hespanhola um navio da tonelagem estipulada, para servir de constante deposito á suas mercadorias, e mandava de continuo a esse navio, em barcos de menor importancia, novos e novos carregamentos, que d'ahi eraõ espalhados pelo contrabando. Assim desenvolveo a sua marinha e a sua industria, assim anniquilou a industria e restringio a navegação das mais nações a quem se ligou: foraõ seus meios—o monopolio do trafico de Africanos, a fraude, e o contrabando.

Com o tempo, suas visitas continuando as mesmas, seus meios foraõ outros. A fôrça de sua marinha lhe havia dado extensos, e opulentissimos dominios na Asia; para que mais importantes fossem elles, cumpria, que nenhuma nação mais tivesse colonias, e eil-a a politica inglesa ajudando a emancipação da America, applaudindo aos independentes e logo emmaranhando-os em tratados de commercio. Nas suas possessões da Asia tinha ella com que abastecer todas as nações dos productos chamados tropicaes, eil-a que, ao passo que nada poupa para auxiliar e desenvolver a producção das suas colonias asiaticas, nada tambem poupa para aniquilar os paizes, que em iguaes producções as excluiaõ. Como lhes servio o monopolio de Africanos quando já lhes naõ foi elle util, tomou-se toda de remorsos da atroz barbaridade, que a tinha opulentado e engradecido, e por expiação proclamou-se zeladôra da liberdade africana, e principiou á fazer tratados para a cessação do trafico. Duas vistas tinha, anniquilar a producção dos generos tropicaes para assegurar-se o monopolio delles, restringir até aniquilar a navegação das nações com quem tratava, para ter ella permanente o seu dominio. Oh! a Inglaterra tem optimos enthusiasmos de philantropia quando lhe servem aos seus fins.

Felizmente a illusão fascinadôra da philantropia dissipou-se, embora tarde; a politica inglesa está descoberta e patente, historiadores de pulso, escriptores de alta intelligencia, na Europa, em França, a tem revelado, e nós que somos uma das primeiras victimas della, nós, que deveriamos nos paizes civilisados sermos os primeiros, que a apresentassemos núa ás maldições da humanidade, o que havemos feito?

Entretanto, com nosco conseguio a Inglaterra todas as suas vistas: intrometteo-se officiosa no reconhecimento de nossa independencia, e em troco desse beneficio, que bem dispensariamos, obteve de nós esse triste tratado, que ainda hoje dura, e no qual se continuárão todos os odiosos privilegios, que lhe havião dado os descuidosos reis de Portugal; obteve igualmente o tratado da cessação do trafico. O que dahi se seguio todos sabemos; um tratado de commercio sem reciprocidade, que nos peava em todo o desenvolvimento da nossa industria, e que collocava o Inglez no Brasil em posição mais vantajada do que o proprio Brasileiro, foi despertando a repugnancia nacional; chegado o prazo delle, a opinião publica pronunciou-se contra a sua continuação, e o ministerio, conhecendo os legitimos interesses do paiz, para entrar em novas estipulações exigio, como primeira base, a admissão dos nossos productos nos mercados inglezes, senaõ no mesmo pé, que o das suas colonias, ao menos com onus, que os não excluisse de todo. Uma missaõ extraordinaria inglesa nada pôde conseguir, porque a nada quiz attender; uma missão extraordinaria brasileira foi á Londres sustentar, demonstrar, o que era evidente, a justiça da base pelo ministerio brasileiro proposta, e nada conseguio.

Assim era de prever: a triste posiçaõ da Inglaterra a obriga á ser injusta, á ser barbara: é a consequencia da sua politica: parece que é castigo da violencia e da justiça, nunca poder parar, e ter de proseguir na violencia e na injustiça até despenhar-se no abysmo.

Não podendo alcançar de nosso governo, que cedesse á sua vontade, e perpetuasse o nosso captiveiro commercial, era evidente, que a Inglaterra á isso nos procuraria compellir, multiplicando vexações e exigencias. Quas as que tem feito, ignoramos; mas impossivel é que não tenha multiplicado reclamações injustas, chicaneiras, destituidas de todo o fundamento, como já anteriormente, no seu parlamento, nos havia ameaçado o famoso Wellington.

E se não podemos adevinhar quaes essas reclamações, cuja existencia prevemos, ao menos sabemos, que no tratado a cerca do trafico tem a Inglaterra mil meios de que lance mão para avexar-nos; e de facto já a pretexto delle, em Macahé, em Cabo-frio, tem sido o nosso territorio invadido, desrespeitadas as autoridades e os leis brasileiras, sem que saibamos onde iraõ parar esses attentados

O tratado da extinção do trafico dá larga margem ás nossas observações; resumil-as-hemos porém tanto quanto nol-o impõe os limites deste artigo.

Obrigámo-nos para com a Inglaterra á fazer cessar o trafico de Africanos; as exigencias dessa nação, e a illusão de humanidade, que chegou á fascinar a muitos dos nossos, fiseraõ que fosse estipulado esse tratado, que mattava a nossa lavoura, e a nossa novegaçaõ, ou pelo menos nos impunha a necessidade de uma rapida, completa, e quasi revolucionaria mudança no systema de nossa industria agricola, e de propriedade territorial. Entretanto o contrabando veio continuar o trafico, e a voz da necessidade pública, sem embargo da vontade das autoridades superiores, e da disposição das leis, o veio proteger. Os escravos eraõ precisos, e o contrabando, que nas proprias possessões inglesas continuou a fornecel-os, em quanto naõ foi extincto o captiveiro, attrahio grande numero de especuladores; raros Brasileiros, porém não poucos Portuguezes empenharaõ nelle capitaes ou proprios ou, as mais das vezes, obtidos por emprestimos. Os Ingleses, depois de tanto sacrificio, não havião de recuar diante do emprego violento e despendioso da mais severa repressão. Dessa luta as mais tristes calamidades: o trafico tornou-se jogo de azar, onde os lucros de alguns eraõ comprados com a ruina completa de muitos, onde os capitaes brasileiros foraõ opulentar as colonias inglesas, e onde emfim pereceo a nossa navegaçaõ. Sim, embora nunca avultasse a nossa navegação, tempo houve em que ella prosperava, e promettia brilhante desenvolvimento; hoje menos alguns vasos insignificantes do commercio costeiro, quantos de propriedade brasileira, e debaixo da bandeira auri-verde navegaõ em alto mar? Teremos uma duzia? Talvez nem tantos.

Entretanto esse estado de cousas não podia agradar aos Ingleses; o tratado dava largas ao contrabando exigindo a presença de escravos á bordo para poder um navio ser julgado boa preza, o tratado garantia, com tribunaes mixtos, os direitos brasileiros, e emfim fazendo, que os Africanos aprehendidos ficassem no paiz, onde houvessem sido julgados boa presa, não privava de todo a industria brasileira dos capitaes aprehendidos e da actividade por elles fomentada; por quanto se perdia o especulador, que mandára vir esses Africanos, ficavão elles no paiz; sua condição era livre, mas seu trabalho (e isso era o principal) seu trabalho era por nós approveitado. Forão esses os tres obstaculos á seus planos, que a Inglaterra tentou remover; quiz ella, que annuissemos a que qualquer indicio de trafico illicito achado á bordo bastasse para condemnar o navio; quiz mais que as commissões mixtas fossem supprimidas, e declarados competentes os tribunaes ingleses para julgar os Brasileiros, e as suas propriedades, quiz emfim, que os Africanos aprehendidos, em vez de serem entregues ao governo brasileiro, fossem para Demerara. Não sabemos se quiz mais alguma cousa; mas só isso que pedia bastava para anniquilar-nos, para fazer nos perder todos os nossos direitos, toda a nossa dignidade de nação.

E, desgraça de nossa terra! nas oscillações ministeriaes, que temos soffrido, ministros houve, que estiveraõ prestes a acceitar essas condições, ministros houve, que, se lhes não tivessem faltado o tempo, se não tivessem sido tão depressa apeados do poder, terião sellado com os seus nomes tamanha e tão funesta degradação! Todavia essas oscillações deraõ esperanças aos Ingleses: viraõ elles, que o sentimento da nacionalidade naõ era taõ forte entre nós que não fosse possivel achar, mais dia menos dia, ministros de estado, que lhes dessem as mãos, e firmes nisso, puzeraõ em pratica, de motu-proprio, sem acquiescencia do governo brasileiro, essas mesmas condições; que anteriormente havião elles reconhecido carecerem de ser pelo governo imperial acceitas para poderem vigorar.

Eis o estado de nossas relações com a Inglaterra; tudo lhe é bom para avexar os Brasileiros e obrigal-os á acceitar suas mercadorias, repellindo elles os nossos generos; tudo lhe é bom para trazer a ruina de nossa industria, de nossa navegação, a perda de nossos capitaes.

E no meio de todas essas injustas exigencias, de todas as atrozes violencias desses projectos, que apoio acha o governo no paiz ou fóra do paiz para baldal-as? As nossas observações do numero anterior dão a resposta.

(*Do Brasil.*)

RIO, 14 A 17 DE JANEIRO DE 1844.

O Publicador Mineiro.

Ja em outro n.° demos conta d'este novo athleta das instituições livres, e do throno brasileiro, que surgio no Ouro-preto, em dia de Anno-Bom: publicamos então o prospecto, e hoje copiamos por amostra o seguinte artigo! —

A rebellião de 10 *de junho de* 1842.

Escriptor público em uma quadra, que tanto se avisinha d'aquella, que fica notada na epigraphe d'este artigo, sentimos a necessidade de manifestar com franqueza, e verdade nosso pensamento sobre um facto social, que tanto, e tão sensivelmente agitou a provincia de Minas-geraes no anno de 1842.

Não considerando virtude o conspirar contra as instituições juradas, rebellar-se contra ellas, nossa linguagem, nossas ideias acharão entre apaixonados alguns desapprovadores; não nos importa isso, são próes e precalsos do officio. Os factos occorridos em 1842 estão ainda tão perto de nós, cada Mineiro os tem registrado na memoria de sorte, que nos achamos desobrigados de os relatar. Nem é esse o interesse, com que lançamos estas linhas; nosso fim é considerar as vantagens, e os resultados, que, para os principios, que ostenta defender, ganhou a opposição hoje conhecida por *opposição Sancta-Luzia.*

Libertar o povo do jugo do despotismo, sob que gemia acurvado; restituir-lhe seus foros, e liberdades, são as causas, que, na phrase dos rebeldes, os levárão á empunhar as armas.

N'esse manifesto fôfo, e vão, n'essas proclamações, n'esses gritos, outro não é o pretexto da revolta; mas que actos, que medidas tomárão para realisar tão solemnes promessas os chefes rebeldes? Gritárão em Barbacena — Abaixo a lei da refórma! abaixo o conselho de estado! — A provincia de Minas, cuja lealdade, e sentimentos heroicos não pódem ser postos em dúvida, não acode á esse grito criminoso; um ou outro municipio, é certo, o echôa; mas Ouro-preto, Marianna, Sabará, Caethé, S. João d'El-rei, &c., se armão para resistir á maneira estranha, com que os *legisladores* da Barbarcena quizerão ditar a lei á provincia; e os rebeldes, que em seus primeiros escriptos declarárão — que o movimento era espontaneo, — correm ás povoações, que se conservárão leaes, e obrigão-as, com as armas, á adherir espontaneamente á revolta; e alumiados ao clarão do incendio, que devorára as propriedades públicas, e particulares, precedendo sua entrada triumphal do cortejo funebre das victimas, que com tanta gloria se scrificárão pela causa da legalidade, proclamárão seu *rei*, que os governasse; tentárão, por meio das armas, tirar o Monarcha da coacção em que o apregoavão existir, e ainda ao estrondo dellas querem que se manifeste — LIVRE E MAGESTOSA A IMPERIAL VONTADE — (que coherencia!!) Estes insultos á alta in-

telligencia do Imperador, estas mortes, estes incendios, tudo isto se fazia em nome da *liberdade!* erão necessidades impostas por ella!!! Um recrutamento barbaro, que não poupava á nenhuma das condições sociaes, é aberto; castigos atrozes são dados aos que não querem uma liberdade em tanta abundancia, qual a que offerecião os chefes da revolta; os cofres públicos são escancarados á sua voz, a perseguição mais horrivel se desenvolve contra cidadãos, que, indignados por tal procedimento, permanecem no seu posto; as suas casas saqueadas e roubadas, suas familias expostas aos ultrages da populaça, cujas virtudes exaltárão os rebeldes; a dor, confusão, lagrimas por toda a parte: e é assim, que marchão logo no começo da revolta os homens que nos querião mudar a condição: que, de *escravos*, forcejávão por nos tornar *cidadãos livres!!!*

Não entendem os oclocratas, que a liberdade se possa arreigar, senão regando nossos campos de sangue brasileiro; forcêjão por plantal-a á baioneta calada! não comprebendem, ou fingem não comprehender, que a educacão moral e religiosa, que as luzes, a experiencia, são condições indispensaveis para progredir o povo na carreira dos melhoramentos sociaes; perturbão cerebros fracos, dando-lhes dóses immoderadas do generoso licôr — *liberdade* —; estrugem nos ouvidos, e desentoados nos gritão: — Sêde liberaes como nós, quando não, morte! — Estabelecem como theoria innocente, sustentão como dogma de seu evangelho politico o principio da revolta! — Que futuro, que governo promettem taes homens!!!...

Para julgar a facção basta o estudo destes factos. E perguntamos: — são liberaes taes homens? — Não; não são liberaes os que na destruição do governo querem, não um meio de estabelecer um novo, desejado pela nação; mas o direito de destruir em todos os tempos tudo o que embaraçar possa sua ambição individual; os que pênsão — que fundar é sempre indignidade, e destruir sempre gloria; —, que, inimigos declarados de tudo o que é ordem, querem governar por gritos, desprezando as leis; aquelles, que derribarião o governo, que com suas proprias mãos houvessem fundado, por não satisfazer todos os projectos de sua avidez, todos os delirios de seu furor. Não, não sao liberaes aquelles, que não sabem senão criar, aquecer e sublevar descontentamentos contra a ordem estabelecida; aquelles, para quem a paz é uma desgraça; que, confiandó nas dissenções interiores, só se nutrem de odios; que, pelo delirio de suas provocacões, espalhão o terror na casa do cidadão pacifico, secção as fontes da riqueza pública, tocão de morte o credito, destroem o commercio, paralisão todos os trabalhos; que fallão incessantemente dos desgraçados, dizem-se *amigos do povo*, e não sabem senão exasperal-o, em lugar de servil-o: seu fim não é a justiça; o que elles querem é embriagar o povo na desconfiança, levar a confusão, e o desanimo aos espiritos, o povo á desesperação, toda a nação á desordem, governar n'uma palavra á todo o custo! E' assim, que os descrevemos, servindo nos de alheio pensamento. Saudando todos os movimentos revolucionarios, atroando de girandolas os ouvidos do povo á noticia das calamidades, que fizérão derramar o sangue brasileiro em algumas provincias do imperio, bem se desenhavão os *agitadores* de Minas, e S. Paulo. Illudindo o povo, que tantas considerações lhes devêra merecer; este povo mineiro, á quem tudo devem, os furiosos marcharão á sua frente, até que a hora do perigo, a hora derradeira não sôou; mas, apenas ameacados em sua existencia, — onde se achárão os tacticos, onde os chefes do partido?! Uns tinhão já abondonado as victimas de sua credulidade, antes do combate; outros, em segura posição, com sorriso satanico saboreavão as vistas desoladoras das mortes dos seus proprios companheiros, d'aquelles, que, combatendo contra a legalidade, entendião servir uma causa sancta, e justa: assim José Felicianno, e outros desapparecêrão das vistas de seus soldados; Marinho, e outros contemplavão a prazer, e á commodo o exterminio da grande familia mineira, que travára a lucta em Santa Luzia do Sabará: accresce, que, pela inefficacia de nossas leis, esses rebeldes, processados, e livres pela omnipotencia dos jurados, estão em suas casas sãos, e salvos, e os soldados da rebellião lá passão em S. Pedro do Rio-grande por todas as privações, lá estão expostos ás balas dos *republicanos* de Piratinim.

Acredita a facção, que os Mineiros são cegos, que o povo não se demora comnosco n'estas cogitações, que tanto têem de reaes, quando de melancolias. Oxalá, que a lição aproveite, e que, quando um dia novos Ottonis, e Marinhos agitem a provincia, os Mineiros lhes respondão: — Não, nós nos lembramos ainda opanno de 1842; tinhamos paz, nossas cidades á sombra d'ella prosperavão, nossos filhos recebião a educacão moral, e religiosa compativel com nossas fôrcas; por vosso convite marchamos ao anniquillamento de nossas povoações, mendigamos pão, que misturamos com as lagrimas, que nos fizestes derramar na perda de nossos pais, e maridos, na de nossos irmãos, e amigos; nós não empunharemos outra vez as armas para saciar vinganças, que erão vossas, para promover interesses, que erão sómente vossos; lembrão-nos ainda os luctuosos dias de Queluz, do Arachá, de Caethé, de Sabará, de Santa Luzia; basta de embustes, não nos illudireis jámais — Nunca a historia dos alheios males approveita a povos, que começão na vida das instituições liberaes: a natureza humana é tal, que, para nos recordar bem vivo o quadro melancolico do passado, exige provas dos soffrimentos pessoaes no presente para governo, e direcção no futuro; ahi está para attestal-o, não diremos o Brasil, que conta poucos annos de existencia; ahi está a França desde 1789, que percorreo um circulo de fogo, e hoje, cançada, repousa á sombra de um governo illustrado, que á par de todas as vantagens sociaes lhe dá preponderancia na Europa: o Brasil, se é novo, tem já experimentado os horrores da guerra civil; repetil-os é perpetuar nossas desgraças, e certo nos preparão dias aziagos do despotismo aquelles, que só gritão —*liberdade* —, pois é fim da excessiva liberdade a excessiva escravidão.

Temos dito quanto nos parece necessario para nos tornar conhecidos, e não fôramos Mineiro], se nutrissemos sentimentos contrarios.

(*Sentinella da Monarchia.*)

Correspondencia.

Snrs. Redactores — Mal havia sahido de minhas mãos para a typographia a minha correspondencia, á respeito da infallibilidade e soberania do Papa, inserta no seu *Diario* de sabbado 17 do corrente fevereiro, quando tive occasião de lêr o *Jornal do Commercio* de 8 de janeiro do corrente anno, e vi confirmados os meus receios expressados no ultimo paragrapho daquella correspondencia. Com effeito, o discurso do Cardeal Pacca, traduzido naquelle jornal, é o testemunho mais authentico da verdade e justeza dos meus receios, e mirem-se nesse espelho os soberanos, e os governos, em cujos territorios seja reconhecida a primazia de honra, e jurisdição do Papa, porque della pretende abusar essa academia da religião catholica, estabelecida em Roma, e ramificada, segundo me parece, em outros pontos do mundo christão. Quanto á mim, estou persuadido, que na igreja de J. C., os unicos instrumentos da sua Providencia, e Sabedoria são aquelles, que o Espirito Santo, como diz S. Paulo, collocou para inspeccionar o rebanho esperitual, e reger a igreja de Deos; tudo o mais são instituições humanas, que começão por escusadas, e acabão por perigosas, e abusivas. Já Pernambuco vai vendo o principio de uma intriga, de que vai sendo victima o respeitabilissimo Prelado Diocesano, e causa occasional, posto que involuntaria, o Exm. e Reverendissimo Snr. Bispo resignatario d'Olinda; e permitta-me S. Ex. Reverendissima, que eu chame a sua attenção sobre este ponto.

Vamos ao discurso do Cardeal Pacca. Diz elle no primeiro paragrapho desse discurso, dirigido á essa academia, que *os Papas teem sido os verdadeiros autores das instituições, tanto religiosas, como civis, e que estrangeiros teem ousado attribuir-se a honra, como se fossem obra delles:* e como o mesmo poder, que faz, póde desfazer, é claro, que, se fosse verdadeira a assersão do Cardeal Pacca, póde o Papa crear, e anniquilar, pôr, e tirar reis, e quaes quer governos estabelecidos. Desgraçadamente um tempo houve, em que isso assim foi! E quem ha, que ignore os argumentos de maior para menor, isto é; do espiritual para o corporal, que nesse tempo se jogavão? Quem ha, que ignore os sophismas, e falsas deducções logicas, e o mansinho mansinho, com que se chegou aos mais horriveis resultados nesta materia, e que mettêrão nas mãos dos Papas a sorte, e o destino dos imperios? Quem não sabe a relaxação do juramento de obediencia aos reis? Tem o Cardeal Pacca muita saudade desses tempos, e deseja voltar a elles! Oh! regresso, regresso!! *Possa eu*, diz elle, *inspirar a vossa coragem, novo ardor nesta gloriosa empreza.* E torna elle para si o dito do propheta Joel— *Seniores vestri somnia sommabunt* —, e como é elle o mais velho do sacro collegio, está sonhando: mas eu muito receio, que taes sonhos se realisem.

Vastas porções da Allemanha, as mais bellas, e productivas, pertencião ao clero com direito de soberania temporal, que se extendia sobre muitos milhões de subditos, diz elle, e lamenta, que esteja hoje o clero reduzido á uma mediocridade. Seria isso muito bom aos olhos do Cardeal Pacca, mas a mim parece muito estrangeiro ao reino de J. C., e só proprio do reino de satanaz, que, carregando o Senhor sobre o pinaculo do templo, e mostrando-lhe todos os reinos do mundo, e a sua pompa, disse, *tudo isto te darei se me adorares.* E conclúe o seu paragrapho quinto, dizendo — *tanta opulencia, esplendor, e poder desapparecêrão diante do demonio injusto, e da rapacidade sacrilega do 18 e 19 seculo.* Ahi é, que lhe dóe, bem o sei. Porém prouvêra a Deos, que a isto se reduzisse a impiedade do seculo 18! Seja porém o que fôr, attentem nisso os governos: se deixarem medrar a falsa doutrina da infallibilidade, e soberania absoluta do Papa, esperem pela pancada.

Rogo-lhes, senhores Redactores, a condescendencia de inserirem ainda esta correspondencia.

...

Variedade.

O CARAPUCEIRO.

BOA LOGICA NÃO É PARA TODOS.

De balde estudará todos os livros de logica, desde Aristoteles até hoje, aquelle, que não tiver a capacidade de pensar rectamente. Todo o mundo presume raciocinar bem: mas donde veem tantos erros, e prejuizos, tantas falsas consequencias, senão da má logica? O primeiro phizico, que, comprimindo a agua em uma grossa esfera de ferro, e vendo-a sahir em finissimas gotas, deduzio, que a agua não póde ser sensivelmente comprimida, discorreo bem, e com acerto. Pelo contrario, quando os criminalistas submettião os presos á tortura, e de suas respostas tiravão argumento de verdade, ou de innocencia, erão pessimos logicos; porque estas respostas provavão a fôrça, ou a fraqueza dos musculos, e nada mais: o réo robusto, resistindo á dor, presistia em declarar-se innocente, e o innocente fraco, e pusilanime, sucumbindo á dor, confessava-se réo do imaginario delicto.

Na meia idade, por exemplo, julgava-se innocente aquelle, que por seis horas conservava-se de joelhos, com os braços abertos, ou que engolia uma onça de pão, ou de queijo sem se engasgar. Bem se vê, que a fôrça dos braços, e a capacidade do esophago não são provas de innocencia; porque taes qualidades tanto as póde ter o culpado, como o innocente. Muitos povos estultamente se gloriárão de possuir aguas *provoctorias*, que, sendo doces, e inoffensivas ao gosto, tornavão-se em veneno para o homem, que havia faltado á sua promessa, ou violado a sua fé. Se as chegava aos labios, no mesmo instante, por menos, que bebesse, devia cobrir-se inteiramente de pustulas, e ulceras, e padecer em todo o corpo, mormente nos olhos, e nos pés, dores intoleraveis, e taes, que não podesse dar um passo, nem fazer outra cousa mais do que soltar horriveis gritos, confessando o seu delicto. Todos bem conhecem a agua do ciume, que os Hebreos costumavão fazer beber á mulher suspeita do adulterio, a fim de reconhecerem a verdade.

No reino do Thibet, quando entre dous cidadãos se levantão contestações á cerca d'algum direito, é usança mui vulgar o lançarem-se em uma caldeira d'agua fervendo dous pedaços de metal, ou de cousa similhante, um branco, outro preto. Os dous litigantes mettem simultaneamente o braço n'agua, e o que acerta de colher o pedaço branco é, o que tem razão: ordinariamente ficão ambos alejados. Que desgraçada logica!

Não é menos desarrazoado o procedimento d'aquelles, que remettem para a ponta da espada a decisão de suas contendas. Em Inglaterra a gente do meúcalho termina as suas contestações por sylogismos de sôcos. Mas quem sae vencedor d'um duello, o que prova é mais destreza, e mais coragem que o seu competidor, ficando, como d'antes, indeciso, de que parte esteja a razão. Entretanto aquella foi a logica da maior parte da Europa em o seculo da cavallaria. Battião-se os homens furiosamente por causa de contestações sobre a belleza desta, ou d'aquella dama!

A publicidade dos debates em as causas criminaes póde apresentar, algumas vezes, indicios duvidosos de criminalidade, ou de innocencia. O homem cauteloso, avezado á dissimulação, e ao delicto, fecundo em traças, e recursos, póde até certo ponto esconder o interior do animo: o homem porém irreflectido, ignorante, mais infeliz que culpado, o sexo fraco, pódem perturbar-se, ainda sem culpa. Não serão pois só por si seguros indicios de crime a pallidez do rosto, a desordem das ideias, producto da presença dos juizes, das testemunhas, e da severidade do ministerio público; e bem assim o rubor do pejo offendido, os gestos de indignação provocados pela vista, e discurso odioso d'um denunciante, as respostas interrompidas dadas á perguntas capciosas, e imprevistas por um accusado, cujo discernimento ainda não foi amadrucido, nem pela educação, nem pela idade, &c, &c.

Os exames, e concursos públicos tendentes a descobrir as qualidades intellectuaes dos candidatos não são provas inteiramente seguras, e taes, que nellas se possa firmar inteiramente o homem sensato. O extraordinario apparato da sala, a presença dos professores, a concurrencia dos espectadores, pódem intimidar ao homem de maior talento. « E em verdade, quem não tremerá (diz Vicq d'Azyr) tendo de apresentar-se em público para responder á todas as questões, que se pódem fazer sobre uma sciencia tão extensa, como a medecina, por exemplo? E o homem mais instruido, conhecendo melhor, que nenhum outro toda a difficuldade desta empreza, não deverá ser as mais das vezes, o que menos desembaraço mostre na execução?» Dous pesos carregados, ou tirados por dous individuos pódem reprezentar exactamente as suas fôrças corporeas: porém dous diversos discursos mais, ou menos promptos não pódem reprezentar as suas fôrças intellectuaes; mas só a coragem, a presença d'espirito, ou a memoria. Na Polonia em o seculo 14 era tal a barbaridade, que um dos modos usados para decidir os pleitos era fazer ler em alta voz a ambos os litigantes uma formula escripta; e aquelle, que não a pronunciava com voz firme, que gaguejava, ou parava, julgava-se ter perdido a causa.

Eschines fallou largamente, e com muito senso na presença de Felippe; Demostenes pelo contrario perdeo a coragem, confundio-se, e disse poucas cousas, indignas de tão abalizado orador. A timidez de Nicole (aliás agudissimo theologo, e moralista) em muitas occasiões lhe foi funesta. Quando se apresentou á exame para obter o subdiaconato, como quer que os examinadores lhe perguntassem quantas supplicas continha o *Padre nosso*, ficou tão enleiado, e confundido, que o julgárão incapaz de receber ordens sacras! Destes, e d'outros innumeraveis factos bem se conclúe, que o concurso não é o melhor meio de obterem-se bons mestres; porque muitas vezes acontece, que o homem de saber, e de talentos por pusilanime se acanhe, e pouco, ou nada diga, em tanto que o outro de muito menor capacidade é corajoso, e despejado, e a tudo responde, com promptidão, &c. Além disto qual será entre nós a pretenção, que as mais das vezes se não decida por patronato?

Em todos os casos, em que são necessarios a observação, e o juizo, diz Edgeworth, se a esperança da recompensa se apresenta vivamente ao espirito, a agitação desconcerta o trabalho intellectual, e quasi se torna incapaz de merecer o aliás tão desejado premio. O academico francez, que fôra mandado á Siberia para observar a passagem de Venus, pintou com as mais vivas cores o estado do seu animo no momento decisivo dessa interessante observação. Algumas horas antes desse momento, precedido de tantas fadigas, inquietações, e perigos, uma nuvem escureceo o horizonte. A ideia de haver feito uma viagem inutil, de ter de voltar á Pariz sem ter visto cousa alguma, de illudir as esperanças de todos os doutos da Europa, que com inquieta impaciencia aguardavão o resultado, produzio no animo do philosopho uma agitação, que para bem conceber-se fôra mister experimentar. Mas pouco, e pouco a nuvem se dissipa, e então a esperança lançou o observador em um estado quasi tão violento, quanto aquelle, em que o precipitára o temor. Elle fixa o seu telescopio, e vê o planeta avançar sobre o disco solar. O seu secretario fica-lhe á direita com a penna na mão, e o seu ajudante á esquerda, com os olhos pregados na pendola. Chega o instante da immersão total, e o academico, todo tremulo, apenas tem fôrça sufficiente para concluir a observação.

Na indagação das causas, e effeitos é, que mais se vê, que isso de logica não é para todos. Eu não posso duvidar da realidade das minhas proprias acções: sinto intimamente, que posso mover, e movo o meu corpo, ou differentes partes deste: que posso transportar-me, e me transporto de um para outro lugar: que posso superar, e supero a resistencia dos differentes corpos, &c. Destas diversas acções, que sinto, ou de que sou conscio, ou de que ha em mim consciencia, deduzo a noção geral de causa, e de effeito. Chamo causa ao que tem em si o principio da acção: chamo effeito ao que resulta immediatamente da acção. Este effeito é uma mudança, que produzo sobre o meu corpo, ou sobre differentes partes do meu corpo, e pelo meu corpo sobre corpos, a que se applica, e por estes sobre outros, &c.

Esta mudança é devida á actividade, ou á fôrça motriz, de que é dotado o animo. Coloco pois na fôrça motriz do animo o principio de todas as mudanças, que elle produz em mim, e fóra de mim, e a este principio dou o nome geral de causa. O effeito, que rezulta do exercicio da fôrça motriz é diverso della; porque, o que produz não é o mesmo, que o que é produzido. A minha fôrca motriz é um ente distincto do sujeito, a que ella se applica, ou que a modifica, e muda. Não direi pois, que o effeito esta na causa; porque fôra buscar, o que ella é em si mesma, ao passo que não a posso reconhecer, senão pelo seu effeito, ou pelas mudanças, que vejo produzidas por ella em tal, ou tal objecto.

Assim como do exercicio da minha propria fòrça deduzo a noção reflexa da causa, e do effeito, do mesmo modo das continuas mudanças, que observo na natureza, deduzo a existencia de differentes fòrças capazes de produzir essas mudanças, e de facto as produzem. D'aqui, quando vejo a madeira exposta ao fogo reduzir-se á cinzas, o ferro vizinho ao imã correr á elle, e unir-se-lhe; julgo, que estas mudanças devem attribuir-se á fòrças diversas. E como muitas vezes tenho visto succeder estes effeitos nas mesmas circumstancias, por isso os considero como leis da natureza.

D'aqui a boa logica estabelece certas regras, que se devem seguir na indagação das causas. Um cavalleiro de industria do seculo 17 discorria pelas cidades, mostrando um menino, que elle dizia ter um dente de ouro. Logo os philosophos d'aquelle tempo derão tractos ao juizo, e fizerão muitas dissertações para provar, que a materia aurea podia ter-se disposto, e combinado no dente, como se dispõe nas minas. Mas um cirurgião mais esperto descobrio, que o tal dente era uma simples folha de ouro, que, destramente cravada na gengiva, o forrava, e escondia de todas as partes. Este exemplo prova, que antes de nos occuparmos em investigar uma causa, devemos examinar, se existe o effeito.

Segunda regra. Não se devem admittir mais causas do que as que bastão para explicar qualquer fenomeno A razão desta regra é, porque nas operações da natureza vemos commummente andar unida a maxima energia, no effeito, ao minimo consumo de fòrças, de tempo, e de materia.

Ha nada mais ordinario, do que attribuir á uma só causa accidental, o que é resultado de outras muitas? Talvez que a violação de Lucrecia, por exemplo, não fosse bastante para induzir os Romanos á lançar fóra os reis, se os delictos antecedentes dos Tarquinios lhes não houvesse disposto os animos. A morte de Virginia foi uma centelha, que accendeo os Romanos já mais que muito indispostos contra os decemviros, &c., &c.

Muitos, quando ignorão as causas, em vez de confessar a sua ignorancia, crião na mente entes imaginarios designados com palavras vasias de sentido, e á estes attribuem os effeitos, que não sabem explicar, ora pondo em scena as qualidades occultas, ora as naturezas plasticas, as fórmas substanciaes, o horror do vacuo, a fórma morbifica, o acaso, &c., &c No *enfermo imaginario* de Molièri uma personagem pergunta, porque motivo o opio faz dormir: outro responde: é porque tem *virtude dormitiva.*

Não faltão tambem jogadores de pessima logica, que, preferindo o absurdo a indecisão, para sahir da sua perplexidade, e achar a causa das suas perdas, avezão-se a realizar chimeras, como por exemplo os dias asiagos, as posições sinistras, os visinhos de mao agouro, o poderio de fortuna, &c., &c. « Todas as vezes que o sr. F. corta as cartas (dizia um celebre jogador) estou certo de perder: e isto não provèm, senão delle partil-as sem reflexão. » Outro dizia á um sujeito, que lhe ficava ao pé « sr. F., eu não sou tão rico, que o possa ter aqui ao meu lado.

Muitas pessoas, quando ignorão a causa d'um fenomeno, que os espanta, ou que crêem superior ás suas fòrças, recorrem ao sobre-natural, e muitas vezes o attribuem á magica, vocabulo, que verdadeiramente nada significa Petrarca incorreo na suspeita de magico; porque lia, e explicava correntemente a Virgilio. O povo da Escocia tão persuadido estava, de que a sciencia de Miguel Scoto era effeito da magica, qûe não ousava, nem tocar nas suas obras. Plinio conta, que o liberto C. Furio Ctesino, que em sua pequena fazenda tinha maiores colheitas, que os visinhos em as suas grandes, excitava a inveja de todos, a ponto de que o accusarão de espancar dos contiguos campos a fertilidade por meio de magicas, e feitiçarias. Vendo se levado a juizo, e temendo os resultados, conduzio ao fòro sua filha robusta, e bem vestida, seus utencilios agrarios de ferro bem construidos, seus arados bem feitos, seus bois bem tratados, e vigorosos; e voltando-se para o povo, disse — Eisaqui, ó Romanos, em que consistem as minhas feitiçarias: ainda aqui faltão as minhas meditações, os meus suores, as minhas fadigas, que não posso reproduzir em vossa presença. — O povo absolveo-o.

A' respeito de cousas extraordinarias, e successos espantosos, a nossa imaginação apodéra-se inteiramente de nós; e então discorremos com menos logica, do que qualquer menino: do que estão cheios os fastos da humanidade. Ora são os gansos, que, acordando a Manlio, salvão do furor dos Gallos o capitolio, e Roma: ora é Scevola, que queima uma mão para sustentar uma mentira. D'aqui o Auguro Nevio corta com uma navalha uma pedra, como se fòra uma pada de pão: d'alli abre-se uma voragem, e Curcio a cavallo arremessa-se á ella, e a voragem desapparece. Ao depois veem os Paladinos com lonzas espadas, e fazem saltar pelos ares pedaços de montanhas: outros lanção-se aos rios, e os dispersão, como areias: este vôa pelos ares, e vai bater-se com os ventos; aquelle persegue o seu inimigo por entre as entranhas da terra, e o agarra debaixo do throno de Plutão. Ao toque d'uma vara magica, os seixos se trocão em ouro, e pedras preciosas. No anno de 698 um exercito de feiticeiros põe em cerco, e devóra Otton de Magonça; em 1059 duas armadas de serpentes combatem junto a Tornei em batalha regular. Finalmente o seguinte facto seriamente referido por Obsern, escriptor aliás estimavel, attenta a época, em que viveo, bastará para nos fazer conhecer a quanto póde chegar a credulidade popular, e o modo, por que se escrevia a historia nos tempos da meia idade. O celebre Dunstan ás vezes se divertia em fabricar, de ferro, ou de aço, muitos objectos uteis. Uma tarde, em que estava muito occupado em a sua officina, o diabo, tomando a fórma de homem, metteo a cabeça pela janella do laboratorio, e lhe pedio, houvesse de fazer alguma cousa para elle. O bom do artifice estava tão attento ao seu trabalho, que não lhe deo resposta. Então o diabo começou a praguejar, e a exprimir-se com modos obcenos: esta maneira de portar se trahio o tal diabrete, e servio para o fazer conhecido, apezar da sua transformação. Então o douto ferreiro tirou da forja uma tenaz em braza, agarrou com ella o diabo pelo nariz, e com tal fòrça o apertou, que os gritos fòrão ouvidos em grande distancia, e pozérão em consternacão os habitantes na circumferencia de muitas legoas.

Não foi senão o amor do maravilhoso, que em tempos barbaros attribuio á Alberto Magno a construccão d'um authomato, que ia abrir a porta, quando alguem battia; á Rogero Bacon a fabrica d'uma cabeca de bronze, que respondia ás perguntas, que se lhe fazião; á Montano a invenção d'uma aguia, que voava. As narrações de cousas extraordinarias, de que são tão ávidos os ignorantes, as mulheres, e os meninos, excita no animo uma commoção, que paraliza todas as faculdades intellectuaes, excepto a fantazia, de maneira que póde-se dizer, que o espirito acha-se então como em estado de sonho.

Em conclusão nada mais ordinario do que gabar se qualquer de discorrer bem, entretanto que boa logica não é tão commum, como geralmente se crê. Alguns imaginão, que basta cursar as aulas de philosophia para discorrer com logica: mas a experiencia sobejamente nos mostra, que mal por aquelle, á quem a natureza tiver denegado esse talento, ao mesmo passo que muitas vezes pessoas rusticas, e sem nenhuma cultura litteraria discorrem com muito acerto, e tirão exactas conclusões dos principios, que lhes são conhecidos.

COMMERCIO.

Alfandega.

Rendimento do dia 21.......... 5:605$948

Descarregão hoje 22

Brigue sueco — *Julia* — taboado.
Escuna portugueza *Tarujo & Filhos* — diversos generos
Brigue austriaco — *Wladislaw* — farinha.
Barca ingleza *Wm.-Russel* — diversos generos.

Movimento do Porto.

Navios entrados no dia 21.

Terra-nova; 36 dias; brigue inglez *Jespessei*, de 272 toneladas; capitão Wm. Taylor; equipagem 10; carga bacalhão: a consignação de Mc. Calmont & C.ª

Nova-Escocia; 40 dias; brigue inglez *Ann*, de 156 toneladas; capitão James Berurek; equipagem 10; carga bacalhão.

Havre; 31 dias; brigue francez *Armonique*, de 223 toneladas; capitão Norlet; equipagem 12; carga varios generos.

Hamburgo; 43 dias; barca dinamarqueza *Alvina e Clara*, de 200 toneladas; capião H. Schmidt; equipagem 11; carga varios generos.

Maranhão; 40 dias; brigue nacional *Capibaribe*; commandante o capitão tenente Francisco Xaver de Alcantara: passageiros, o capitão reformado Vicente de Moraes e Mello, sua senhora, 2 filhos, e 2 criados; ex-soldados do exercito, José Antonio do Egypto, José Simão da Costa, Paulo José das Virgens; o preto liberto, Ignacio Ferreira da Costa; capitão-tenente Miguel Cardia Heitor, e 2 criados; 1.º tenente Antonio Lopes de Mesquita, e 1 criado; 2.º tenente Henrique Pires Branco, e 1 criado; escrivão de numero, Francisco Bernardino Dias da Silva; escrivão extranumerario, José da Silva Guimarães; escrivão Antonio Maria da Costa Valladares; dito, Virgilio Jose Alves Pacheco; commissario Semião Estelita do Valle e Silva, sua senhora, 2 escravos, e 1 criado; boticario d'armada Bernardo José de Souza e Silva; encarregado Francisco José d'Alcantara; dito Antonio Joaquim Moreira; Telesforo da Silva Borges, Igidio Joaquim de Rezende; cabo de artilharia de marinha Fernando José de Faria, João Ignacio Cardoso; guardião extranumerario Francisco Xavier.

Navios sahidos no mesmo dia.

Parahiba; patacho hamburguez *Fortuna*; capitão M. Kurg; carga assucar.

Buenos-Ayres; brigue americano *Sylph*; capitão George Pollares; carga assucar.

Edital.

O Dr. José Nicoláo Rigueira Costa, juiz municipal da segunda vara do termo do Recife, por S. M. I. e C., que Deos guarde, &c.

Faco saber aos habitantes deste termo, em virtude de ordem, que para isso recebi do Exm. presidente da provincia, que pela ordem do tribunal do thesouro pùblico nacional de 19 de janeiro ultimo foi marcado o praso de seis mezes para findar a substituição das notas de 5,000, 10,000, e 20,000 rs. da primeira estampa, determinado pelas ordens de 11 de marco de 1840, e 12 de fevereiro, e 24 de dezembro de 1841, o qual deverá expirar seis mezes, depois q' por editaes da thesouraria d'esta provincia fòr publicada esta determinação, ficando as notas, que não forem apresentadas ao troco atè o fim delle, sugeitas d'ahi em diante ao desconto successivo de dez por cento em cada mez na fórma do artigo 5.º da lei numero 53 de 6 de outubro de 1835 E para que chegue á noticia de todos mandei lavrar o presente, que será publicado pela imprsnsa, e affixado nos lugares mais publicos do termo. Dado e passado nesta cidade do Recife sob o meo signal e sello deste juizo, ou valha sem sello *ex-causa* aos 8 de fevereiro de 1844. Eu Francisco Ignacio de Athabyde, escrivão a escrevi.

José Nicoláo Rigueira Costa.

Avisos maritimos.

= Para o Pòrto sahirá no dia 5 de março a barca portugueza *Bella Pernambucana*; quem quizer carregar, ou ir de passagem trate com o capitão na Praca-do-commercio, ou com o consignatario Thomaz de quino Fonseca na rua do Vigario n. 19.

-- A barca franceza *Camelia*, tendo uma parte da carga prompta e excellentes commodos para passageiros, seguirá infallivelmente para o Havre no dia 4 de marco: para carga e passagem falle-se com o capitão Guilbert, ou aos consignatarios Bolli & Chavannes.

= Para qualquer pòrto tem de sahir da Europa o superior brigue inglez *Medum* de 1.ª classe, forrado, e encavilhado de cobre; os pretendentes dirijão-se aos consignatarios Jones Paton & Companhia.

Leilões.

— James Crabtree & Companhia fárão leilão, por intervencão do Corretor Oliveira, de grande porcão de fazendas inglezas avariadas, e muitas outras em perfeito estado, as mais proprias deste mercado: quinta feira, 22 do corrente ás 10 horas da manhãa em ponto, no seu armazem da rua da Cruz.

= João Keller fará leilão, por intervenção do corretor Oliveira, de variado sortimento de fazendas francezas, allemães, e suissas de seda, lãa, linho, e d'algodão, proprias da estação, algumas das quaes serão vendidas por qualquer preço; sexta feira, 23 do corrente, ás 10 horas da manhãa, no seu armazem na rua da Cruz.

= Por ordem do consul de S M. Britanica, e perante um delegado do mesmo, serão vendidos em leilão pùblico, no lugar onde estão, na praia de Paiva perto do Cabo, uma lanxa com mastros, vellas, e remos, um escaler com remos, cinco bahus dos marujos, os quaes pertencião ao brigue inglez *Finnes*, que foi á fundo; sexta feira, 23 do corrente ao meio dia.

Avisos diversos.

— Aluga-se um sitio no lugar de Bebiribe, com casa, e quarto, terra sufficiente, baixa para capim, e arvoredos de fruto; quem o quizer comprar, ou alugar, dirija-se a Rua-velha n. 113.

—Precisa-se alugar uma casa terrea no bairro da Boa-vista, nas seguintes ruas; Rozario, Gloria, e velha; na rua do Queimado n. 4.

= O abaixo assignado, subdito Brasileiro, retira-se para fóra do imperio a tratar de sua saùde, ficando a sua casa de negocio no mesmo giro, entregue ao snr. Custodio Joaquim da Silva Braga, e girando d'ora em diante debaixo da firma de Arantes & Braga, cuja firma fica responsavel por todas as transações, tanto a liquidar, com a contrahir.

Antonio José Gomes de Arantes.

= Precisa-se de um caixeiro portuguez de idade de 12 a 14 annos; na rua da Penha n. 4.

— O agrimensor, abaixo assignado, offerece os seus servicos ás pessoas que tiverem propriedades á demarcar, e aliança a mais escrupulosa exactidão, e o maior zelo no desempenho da sua arte; devendo todos os que do seu prestimo se quizerem utilisar, dirigirem-se (por carta) ao mesmo abaixo assignado, na Rua-direita, sobrado n. 121.

Joaquim da Fonseca Soares de Figueiredo.

CAUTELLA CONTRA AS FABRICAÇÕES.

Constando á Meuron & C.ª, que em algumas vendas e lojas desta cidade se vende um rapé com a falsa denominação de rapé arêa-preta, e com astuciosa imitação dos botes, rotulos, e sellos da sua fabrica, fazem sciente aos seus freguezes, e ao pùblico, que em resguardo da sua propriedade, e dos seus direitos accrescentão sua firma ao sello do unico deposito do legitimo rapé arêa-preta, que permanece no mesmo lugar, rua da Cruz do Recife n. 26.

Por tanto qualquer outro rapé, que se inculque debaixo desta denominação, é uma falsificação dos productos da fabrica de Meuron & C. inventores, e unicos proprietarios das fabricas do rapé arêa-preta tanto na Bahia, no Rio-de-janeiro, e Maranhão, como em Pernambuco, e roga-se aos senhores compradores de acautellarem-se contra as fraudes.

= No botequim ao pé do theatro continua a haver sorvetes de frutas muito bem feitos, e com muita limpeza, das 5 horas e meia em diante; assim como bom cafe tanto com leite, como sem elle, muito bons charopes de diversas qualidades, e juntamente licores, serveja, e chapangne.

— Em casa de Avrial & Irmãos, na rua da Cruz n. 20, recebem-se assignaturas para o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro: assim como na mesma casa tambem se vendem collecções das leis e direitos do imperio do Brasil d'esde 1822 até o presente, o *Museu-universal*, a historia de Napoleão, dita da revolução franceza, taboas de juros, corretagens, e apolices, o Agricultor brasileiro, e outras muitas obras de grande utilidade, não fallando em um sem numero de folhetos, e novellas as mais bem escolhidas, e sendo muito bem impressas no Rio-de-janeiro em casa de J. Villeneuve. & C.

— Os Srs. Sebastião José de Oliveira Macedo, Sebastião José da Silva e Barros, queirão mandar receber umas cartas na rua da Cruz n. 26, na venda de Sá, Araujo & Irmão.

— Pedro Antonio Lino, subdito Portuguez, retira-se para a Bahia.

— Uma senhora de bons costumes se encarrega da criação de meninos de peito impedidos, e desimpedidos, e tambem recebe meninos desmamados para curar da sua educação, no que promette esmerar se; quem do seu prestimo se quizer utilisar, dirija-se ao pateo do Carmo n. 24.

— Aluga-se a loja da casa do Atterro-da-Boa-vista n. 38, para fazendas, ou outro qualquer estabelecimento; a tratar na mesma casa.

—Aluga-se, por preço muito commodo, o sobrado n.º 15 da rua do Vigario, de tres andares, e sotão, com commodos para uma grande familia, e em lugar mui proprio para escriptorio, e residencia de qualquer negociante; quem precisar, dirija-se ao Atterro-da-Boa-vista n.º 42, segundo andar.

— Aluga-se o primeiro andar da casa n.º 42 do Atterro-da-Boa-vista, com bons commodos, e optima vista, por preço muito commodo; quem o pertender, dirija-se ao segundo andar da mesma casa.

— Quem precisar de dinheiro a premio sobre escravos; póde fallar com Guimarães Ferreira.

— Precisa-se de uma ama secca sem vicios, para casa de uma pequena familia; na rua da Senzalla-velha n. 132.

= Na noute do dia 16 do corrente, pelas 7 horas, desappareceo do porto das canôas do bairro de Santo Antonio, em occasião de desembarque, um bauzinho de páo, pintado de azul, com os pés pintados de encarnado; o qual estava fechado, e tinha dentro diversas calsas, camizas, jaquetas, meias, botins, gravatas de sêda, 1 boné, &c.; tudo pertencente a José Gomes do Rego Cazumbá: roga-se á quem achou dito bauzinho, ir ou mandar levar ao mesmo, na rua do Livramento n. 22, segundo andar, que será recompensado.

= Embarca Manoel José Machado Malheiro para o Rio-de janeiro as suas escravas, Roza, de nação, e Maria, crioula, com uma filha.

= Aluga-se o terceiro andar da casa da rua do Queimado n. 32, confronte ao beco da Congregação; a tratar na mesma casa.

— O snr. Vicente Ferreira Fontes queira annunciar a sua morada.

— No Atterro-da-Boa-vista, n. 44, precisa-se fallar ao snr. Manoel José da Silva Grillo, a negocio de seu interesse.

— A senhora D. Leocadia, viuva do major Fernando da Costa, queira annunciar sua morada, ou procurar uma carta, que existe em mão de João da Costa Lima Junior, na rua do Vigario.

— Aluga-se o segundo andar do sobrado da rua estreita do Rozario n. 18; a tratar na rua do Nogueira n. 27.

— Precisa-se de um caixeiro, que tenha pratica de loja de louça, e que dê fiador a sua conducta; a tratar no Atterro-da-Boa-vista n. 2, primeiro andar.

— Aluga-se metade de uma casa, em uma das principaes ruas, a uma senhora capaz, com pouca familia; no pateo do Carmo n. 24.

= João José Ribeiro embarca para o Rio-de-janeiro o seu moleque de nome João.

= Manoel Francisco do Rego, subdito Portuguez, retira-se para a Ilha-de-S.-Miguel a tratar de sua saúde.

= O encadernador F. A. Bastos, morador na rua de S. Rita-nova n. 88, avisa a todos os seus freguezes, que se acha prompto a exercer toda a qualidade de obra, por preço commodo, e apara papel de 10 resmas para cima a 120 rs. a resma, com a mesma promptidão; e tambem vende tinta preta para escrever, já muito acreditada, livros em branco, e papel almaço.

= Constantino José Felippe S. Tiago abrio um novo deposito de farinha de mandioca para vender a retalho por preço commodo, e boa medida, e promette sempre ter farinha fresca e boa; os freguezes, que quizerem, dirijão-se a Fóra-de-portas, na rua nova de S. Amaro, casa n. 16.

SOCIEDADE THEATRAL MELPOMENENCE.

— O primeiro secretario scientifica aos socios, que o thesoureiro faz a distribuição dos bilhetes para a recita extraordinaria do dia 24 do corrente, nos dias quinta, e sexta feira da presente semana, depois de cujo periodo, aquelles, que não procurarem as partes respectivas, não teraõ mais juz de reclamarem.

— Na rua da Cruz, n. 20, existem duas cartas, uma para Geraldo Nunes Ferreira, e outra para Vicente Pedro da Cunha.

= Aluga-se uma casa terrea com commodos para uma familia, na rua de S. José n. 20, mesmo pegada ao muro da igreja, a qual está renovada toda; a tratar na rua das Cruzes n. 13, terceiro andar, das 6 as 9 da manhãa, e das duas as 4 da tarde.

= Um engenheiro francez, recentemente chegado de França, que foi de uma companhia brasileira de paquetes de vapor do Rio de-janeiro, offerece ao respeitavel publico seus serviços, para engenhos de todas as qualidades de vapor, e outras obras, por preço commodo; quem do mesmo engenheiro precisar, dirija-se ao hotel do beco da Linguêta.

= Precisa-se de um feitor para um sitio, distante desta praça legoa e meia; a pessoa, que estiver nestas circumstaneias, dirija-se ao armazem na rua da Senzalla-velha n. 106, ou no engenho *S. Paulo* freguezia dos Affogados.

RAPE FINO PRINCEZA
DA BAHIA E RIO-DE-JANEIRO.

= Acha-se à venda o mui excellente rapè da nova fabrica de Godinho da Bahia, e do Rio-de-Janeiro pelo modico preço de 1:000 rs. cada libra: este rapé é chegado ultimamente, e torna-se muito recommendavel pelo seu bom arôma: roga-se aos compradores, de se dirigirem ao unico deposito existente n'esta provincia, na rua da Cruz, n. 16, que ainda en ontrarão meias libras, e levando porção será um preço muito rasoavel.

= Deseja-se fallar ao snr. Manoel Joaquim Pinto Machado Guimarães, para negocio de seu interesse; na rua do Encantamento, armazem de molhados n. 11.

= Matheus Austin & Companhia mudarão o seu escriptorio para a rua da Alfandega-velha n. 36, aonde foi o antigo escriptorio do fallecido Antonio Marques da Costa Soares.

= Uma pessoa, que dá fiador a sua conducta, e que por ella se responsabilisa, propõe-se a servir de criado em qualquer casa capaz, ou a administrar qualquer obra, assim como tratar de cavallos, e dirigir qualquer cavallarice, visto a intelligencia, que tem para esse fim; quem o pretender, dirija-se ao lugar do Cortume dos Coelhos, na loja da casa, que foi de Antonio Coelho da Silva.

= Quem quizer dar 500 a 600,000 rs. a juros, por espaço de um anno, com segurança em 4, ou 6 escravos, os quaes se achão desembaraçados, como se mostrará; annuncie

LOTERIA DO GUADELUPE.

No dia 24 do corrente mez de fevereiro correráõ impreterivelmente as rodas desta loteria. Os bilhetes achão-se á venda, nos lugares do costume

Compras

= Compra se um jogo de breviarios Saraficos Romano, ainda mesmo em meio uso, quem tiver annuncie.

- Comprão-se mulatinhas, moleques, negrinhas, e mais escravos de 12 a 20 annos, pagão-se bem, agradando; na rua do Fogo ao pé do Rozario n. 8.

= Compra-se uma cadeirinha nova, ou em bom uso; na rua de Apollo n. 20.

— Compra-se uma colher de boa prata, de tirar soupa, usada, e sem feitio; no armazem de assucar n. 15, bem defronte da igreja do Corpo-Santo.

Vendas

MEMORIA

Sobre as minas da capitania de Minas geraes, suas descripções, ensaios, e domicilio proprio; á maneira de itenerario; com um appendice sobre a Nova-lorena-diamantina, sua descripção, suas producções mineralogicas, e utilidades, que deste paiz possão resultar ao estado; pelo doutor José Vieira Couto; 1 volume por 2000 rs..

O instituto historico, e geographico brasileiro, possuindo o manuscripto da precedente obra, achou-a tão interessante, e sua vulgarisação tão util, e proveitosa ao Brasil, que ordenou a sua impressão. As pessoas, que se interessão pelas cousas da patria acharáõ neste volume a descripção de thesouros ainda não aproveitadoi, e mesmo quasi geralmente ignorados, e dos quaes sem duvida nascerão immensas vantagens, e riquezas ao paiz, que os encerra.

Vende-se na Praça-da-independencia, livraria ns. 6 e 8.

— Vende-se cerveja branca em barricas de 4 duzias, em grandes e pequenas porções; em casa de J. O. Elster, na rua do Trapiche n. 19.

— Vende-se uma escrava de nação, de 24 annos, engomma, cose, cozinha, e lava, duas ditas de nação, cozinhão, lavão, e são optimas quitandeiras; uma crioula de 15 annos, cozinha, lava, e serve bem a uma casa; um moleque de nação, de 18 annos, proprio para todo o serviço, todos de bonitas figuras; na rua das Cruzes n. 41, segundo andar.

= Vende-se um moleque crioulo de 14 annos; um escravo de nação, optimo para todo o serviço; 3 escravas moças, de nação, lavão bem, e são quitandeiras; uma parda de 18 annos, engomma bem, cozinha, cose, faz renda, e é recolhida, por isso optima para mucama; na Rua-direita n. 3.

— Vende-se por preço commodo, ou hypotheca-se uma boa escrava; na rua das Cruzes n. 40.

= Vendem-se damascos, e tafetáes de seda, galões e franjas de retroz, hollandilhas para intertelas, ruões para forro, tudo de diversas côres, e proprio para ornamentos de igrejas, chegado ultimamente do Lisboa; um relogio de ouro, horisontal, e corrente com pouco uso, e por preço commodo; na rua da Cadeia do Recife n. 57, loja de Seve & Irmão.

— Vende-se uma escrava de 20 annos, de boa figura, perfeita engommadeira, costureira, e cozinheira; duas ditas de 20 annos, lavadeiras, quitandeiras, e de todo o serviço; 3 moleques de 15 a 18 annos, proprios para pagens, e todo o serviço; um preto de 20 annos, de muito boa figura, proprio para armazem de assucar, e para todo o serviço; uma parda de 20 annos, de elegante figura, engommadeira, e costureira; na rua do Fogo ao pé do Rozario n. 8.

— Vendem-se 4 escravas moças, com boas habilidades, uma é boa costureira, engommadeira, e cozinheira; 3 escravos bons para todo o trabalho de campo; um moleque de 12 annos; um pardo de 20, de muito boa figura para pagem; na rua larga do Rozario, sobrado n. 48.

— Vende-se, ou aluga-se uma casa terrea com um sitio na Rua-imperial do Atterro-dos-Affogados, com bastantes arvores de fruto, baixa para capim, com 1040 palmos de fundo, e mais de 200 de largura; na rua da Praia de S. Rita, serraria n. 25.

- Vendem-se sementes de todas as qualidades de hortaliça, cestos para meninos aprenderem a andar, e telhas de vidro, tudo por preço commodo; na rua da Cruz, armazem de louça n. 48.

= Vende-se a barcaça *Minerva* feita a dous annos, de muito boa construcção, e escolhidas madeiras, de porte de 20 a 22 caixas, e bastante velleira, vende-se a dinheiro a vista, ou a praso, e mesmo permuta-se, convindo, por alguma morada de casa nesta praça, voltando-se, ou recebendo-se o excedente; na rua da Moeda n. 9, segundo andar; ou na venda da rua da Cruz n. 51.

= Vendem-se lós pretos e brancos de superior qualidade, sarja preta hespanhola, meias de seda brancas, e pretas para homem e senhora, cortes de chitas hamburguezas finas, merinó preto, panno preto fino, casimiras francezas sem pello, e outras muitas fazendas por preço commodo; na loja de Manoel José Gonçalves Braga, junto ao arco de S. Antonio, n. 2.

= Vendem-se arithmeticas, algebras, e geometria de Lacroix, para uso do Lyceo, e do Collegio das artes, na rua da Cadeia do Recife, loja de livros de Cardoso Ayres.

= Vendem-se ricos cortes de seda preta para vestidos, sarja preta larga, e estreita, luvas de seda sem dedos, curtas e compridas, sortimento de calçado para senhora, chapeos pretos da ultima moda para homem, e outras muitas fazendas por preço commodo; na Rua-nova, loja franceza n. 17, de F. Regod & Companhia.

— Vendem-se uns terrenos em Fóra-de-portas, da parte da maré pequena, promptos para se edificar, estão em boa posição, por preço commodo, por isso se farão com elles todo o negocio; na Rua-direita n. 4.

= Vende-se um relogio de prata, patente inglez, dos mais modernos, com pouco uso, e muito bom regulador, o que se affiança, por preço de 80$ rs.; na rua do Crespo, loja n. 23.

= Vendem-se luvas de pellica, e de algodão muito finas para homem a 320 rs., ditas sem dedos de differentes qualidades para senhora, meias de algodão pretas e brancas para homem e senhora, suspensorios de burracha a 320 rs., ditos fingindo a 240 rs., ditos de seda a 1280 e 1600 rs., bonês de palhinha pintados a 240 rs., chapeos da mesma a 360 rs, ditos com pala de lustro a 960 rs., facas e garfos de cabo branco a 3500 rs., fitas de seda lavradas e lisas, papel de peso azul a 3000 rs. a resma, dito almaço a 2400 rs. a resma, e de meia hollanda a 3800 rs., rapé Meuron & Comdanhia a 1040 a libra, e de 5 libras para cima a 1000 rs., lenços de seda para algibeira a 2240 rs., boas mantinhas para gravata a 2000 rs., lenços de côres para dita a 3300 rs., e pretos a 3500 rs., pentes de prende cabello, ditos virados, ditos imitando a tartaruga, franja preta mui bem feita para vestido a 400 rs. a vara, um completo sortimento de calungas por barato preço, papel de peso de côres, bicos largos, e estreitos, flores para cabeça, boas pennas de aço, e canetas douradas com cabo de marfim, um grande sortimento de meudezas por preço mais commodo, do que em outra qualquer parte; na rua do Queimado, loja de meudezas n. 24.

— Vende-se uma casa de pedra e cal, em Olinda, na rua do Amparo, do lado que vai para a Misericordia, muito fresca, com duas salas, 3 quartos, quintal cercado; a tratar na rua da Guia com Manoel Antero de Souza Reis, e para ver entendão se com Felippe, meirinho-geral de Olinda.

= Vendem-se as musicas seguintes, dos autores mais celebres, e modernos; as operas inteiras para cantar com acompanhamento de forte piano, Norma, Parisina, D. Caritea, Matilde, Ottello, La Griselda italiana, Eduardo e Cristina; para tocar só no piano; D. Ignez de Castro; Il Bravo, Assedio de Calais, Elena de Feltre, Esmeralda, Iltemplario, os dous Figaros, Dominó negro, Roberto de Vereaux, e mais outras muitas obras do melhor gosto, methodos os mais modernos de cantar e tocar, de todos os conservatorios, solféjos de uma dificuldade progressiva, quadrilhas modernas para piano, e valças, concertos, variações, sonatas, caprichos, sinfonias, methodos para rabeca, com quartettos, trios, e duos; um pianinho em figura de banquinha, bom para aprender uma menina, ou menino de 8 para 10 annos, o qual tem 3 oitavas e meia, e se dá em conta; uma espingarda de muito alcance, com todos os preparos para caça, e é de espoleta; na rua da Aurora, casa ao pé da igreja dos inglezes, onde mora o professor Antonio Wenceslão Chaves, mestre da musica de artilharia.

= Vende-se uma venda na rua de Aguas-verdes, com 4 portas de frente, e uma para o beco, está bem sortida, e afreguezada; a tratar com João da Costa Lima Junior.

= Vende-se uma negra crioula, de 20 annos, cose, e engomma; na Rua-velha n. 57.

= Vende-se um escravo ainda moço, proprio para qualquer serviço; na rua do Livramento, sobrado n. 18.

= Vendem-se apparelhos para chá, de porcelana, de muitos gostos, ditos azues, e de outras côres, ditos esmaltados, apparelhos para meza de jantar, de muitas côres, e gostos, mangas de vidro lapidadas, e lisas inglezas, frascos de bocca larga, garrafas lapidadas e de cristal, compoteiras para doce, copos para agoa, calices para vinho, ditos para champanhe, e cerveja, chicaras finas de porcelana em duzias, e outras muitas fazendas por preço commodo; na rua do Livramento n. 16.

— Vende-se uma balança grande, com um terno de pesos de duas arrobas; na rua dos Tanoeiros, armazem de porta-larga.

= Vende-se um terreno no lugar dos Remedios, com o fundo para a parte do nascente, e a frente para a estrada, que vai para os Affogados, tem de frente 150 palmos, e de fundo 500 a 600; a tratar na Rua-nova, loja de Antonio Ferreira da Costa Braga.

= Vende-se vinho de Lisboa de PRR, dito de segunda qualidade, dito do Porto, engarrafado, dito da Madeira, dito Muscatel, e Champanhe, frascos de licor de marrasquinho e garrafas do dito de Hamburgo; differentes qualidades de dito francez, e outros muitos generos por preço muito commodo, por ser para liquidação deste negocio; na rua da Cadeia-velha n. 17.

Escravos fugidos.

— Fugio no dia 20 do corrente o moleque Paulo, de 14 annos, rosto bastante preto, o branco dos olhos amarellados; levou calças de algodão trançado azul, e camisa branca; quem o pegar leve a rua da Senzala-velha n. 144 a seu snr. João Vaz de Oliveira, que gratificará.

— No dia 14 do corrente fugio do abaixo assignado um escravo de nação, de nome José, alto, sem barba, e tem um signal do lado esquerdo do rosto no lugar da suissa, que parece queimadura, do tamanho de meia polegada, tem nos dentes da frente pela parte de cima uma abertinha no meio, isto é por ter só dous dentes largos, porém não tem falta de dentes, por ser muito moço, tem no peito direito a marca IC, pés e mãos bem feitos, é bem parecido de figura, e a côr não é muito preta, e é bebado; quem o pegar, leve ao abaixo assignado na rua do Queimado, que será pago do seu trabalho.— *Antonio da Silva Gusmão.*

— Ainda está fugido o moleque Julio, que vendia cangica, secco do corpo, meio fulo, de 14 annos, tem o embigo muito grande, um taquinho tirado na ponta da orelha, tem sido visto em Olinda; quem o pegar, leva a rua da Guia a Manoel Antero de Souza Reis.

— Ainda está fugido, ou furtado o escravo Jacinto, de nação Rebollo, de 22 annos, bonita figura, bem preto, tem uma marca no peito esquerdo a imitação de uma ancora, falla meia descançada, toma bastante tabaco, desappareceo no dia 20 de Maio do 1841; quem o pegar, leve a rua da Guia n. 53, casa de 3 andares, que receberá 100,000 rs. de gratificação, de seu snr. Manoel Antero de Souza Reis.

= Fugio no dia 12 do corrente a preta Michaella, crioula, de 22 annos, estatura regular, olhos grandes, dentes alvos e limados, rosto meio aboceitado, nariz regular, côr preta, peitos moles, pernas finas a proporção do corpo, pés apalhetados, e compridos, sendo mais o esquerdo, bonita figura, levou uma trouxa de sua roupa, contendo dous vestidos de chita, dous ditos brancos, sendo um de cassa, um chales branco de dito, um par de sapatos de marroquim amarello, um par de solitarios de pedras brancas nas orelhas; fugio do lugar Gamella-da-barra-grande, de casa de Pedro Nolasco de Albuquerque, estando a embarcar para trazer a seu snr. Manoel Buarque de Macedo na rua do Queimado n. 19, ha noticias de ter sido encontrada, chegando a comarca do Cabo; quem a pegar, leve a rua do Queimado n. 19, ou no engenho Samba e Gamela-de-barra-grande, que será gratificado.

= No dia 15 do corrente desappareceo o escravo Benedicto, crioulo, de 25 annos, baixo, cheio do corpo; levou calças de brim, e camisa de madapolão, é muito ladino; quem o pegar leve a rua do Amorim n. 36 a seu snr. Antonio Vaz de Oliveira, que será recompensado.

RECIFE NA TYP. DE M F DE FARIA.—1844.